



José Cardoso Pires

Diálogos satânicos

UMA COISA É CERTA: em negócios de Igreja não te metas, se não queres acabar no Inferno vestido de querubim.

Este recado de prudência é mais velho que os fariseus da Galileia e chegou até aos dias de hoje pelos sinistros golpes da Banca de São Pedro, pelas mafias cristianíssimas do pós-guerra e por outras redes de extrema unção que fizeram da Itália um cenáculo do Maquiavel e dos príncipes da intriga. Entre nós, comarca dos brandos costumes, o sábio aviso foi especialmente observado na época do Santo Ofício de fazer cadáveres e acumular poderes. Agora, com a sociedade anónima da Igreja Universal do Reino de Deus, a recomendação volta a dar que pensar.

Já se sabe, a frontalidade com que a Câmara Municipal do Porto denunciou o negócio do teatro convertido foi exemplar e coerente com os princípios dum Estado de Direito. Teve a apoiá-la os católicos e os ateus, ou seja, a esmagadora maioria do país, mas, acima dessa conjugação favorável, o que interessa é o compromisso de independência do Poder político em relação às Igrejas que a partir de agora fica registado para o futuro. Isso, sim, isso é que será de sublinhar neste negócio de milhões de cruzados-ouro bem benzidos e branqueados.

Porque, já lá dizia o Outro, o brilho das moedas pias cega o mais simples dos servos. Traz a soberba ao pastor do anho de ouro e ao soldado vencido fá-lo sonhar com impérios de dragões e diamantes. É sagrado por fora e perverso por dentro, esse brilho. Não só enfurece a gula insaciável duma Universal do Reino de Deus como pode esparvoar um pobre cura de campanário desta apagada Lusitânia como está mesmo agora a acontecer lá para os lados de Famalicão. Verdade. Aí, a poucos quilómetros do Coliseu do Reino de Deus, que tanta inquietação nos tem

Já se sabe, a frontalidade com que a Câmara Municipal do Porto denunciou o negócio do teatro convertido foi exemplar e coerente com os princípios dum Estado de Direito. O que interessa é o compromisso de independência do Poder político em relação às Igrejas que a partir de agora fica registado para o futuro. Isso é que será de sublinhar neste negócio de milhões de cruzados-ouro bem benzidos e branqueados.

A mim, francamente, o que me assusta nestas guerras santas é o diálogo. Diálogos místicos, haverá sintaxe mais difícil de conceber e música mais pastoral para enevoar?

causado, o povo duma aldeia minhota entrou em guerrilha aberta para expulsar um padre convertido ao dinheiro e à religião dos ricos, quer-se coisa mais triste?

Mas voltando à Igreja Universal e às suas "soirées" de fé, talvez valha a pena lembrar que não foi a Câmara do Porto a primeira a meter-se em calvários desta ordem. De maneira nenhuma. Antes dela, já a do município de Almada se vira em tratos do Mafarrico para fechar a delegação do Feijó da Igreja Evangélica de Filadélfia onde a berraria nocturna era mais que selvagem e transformava o sono da população trabalhadora em pesadelos apocalípticos.

A mim, francamente, o que me assusta nestas guerras santas é o diálogo. Diálogos místicos, haverá sintaxe mais difícil de conceber e música mais pastoral para enevoar?

Lembro-me duma excursão, há anos, a um mosteiro budista de Katmandu.

Um vale em paz, montanhas a atravessarem as nuvens. Nepal, o tecto do mundo, e eu num terraço a meia encosta. Em baixo, junto ao rio, duas piras de cadáveres chamejantes a deitarem uma coluna de fumo pestilento pelo vale acima. Pensei nas viúvas que muitas vezes eram lançadas às fogueiras para acompanharem os maridos na ascensão à eternidade e ao ver, lá no fundo, a meia dúzia de pessoas que trabalhava a lenha e o fogo à volta dos defuntos com a mesma simplicidade com que os camponeses tratam das queimadas da lavoura, pensei no macabro e no fantástico que certas religiões tornam simples e naturais.

Perto de mim, debruçado como eu no mesmo parapeito, estava um monge grandalhão com cara de criança a olhar para o lado de lá do mundo. Junto dele veio pôr-se um turista americano bem aviado de copos. Sorriu-me com aquele sorriso que dá o vinho da inocência e, lado a lado com o buda, olhos em frente, pôs-se a improvisar frases soltas num inglês manso e filosófico:

"Estás chateado, é natural." E depois: "Acredito, pá. Viver para ti deve ser um fazer horas para a morte e nada mais." Depois ainda: "Fumo da morte, sabes o que isso é? 'Sabes nada. Vê-lo passar-te pelo nariz e cheira-te a rosas, até apostava." Noutra altura: "Está bem, tens o teu Buda amarelo, não é assim? Pronto, tudo certo, nada a objectar." E por aí fora, por aí fora.

Deixei-o e retomei a visita ao mosteiro. À saída, quando passei pelo terraço, o monge e o americano continuavam lado a lado, a olhar cada qual para um mundo lá longe. Mas agora falavam os dois em paralelo, um em sânscrito ou coisa assim, o outro em texano desgarrado.

Ambos estavam em confiança com um infinito a vários rostos, tenho a certeza. ●